

A ALECRIM – Cantiga – Alecrim

Alecrim

C Dm

Alecrim alecrim douado

G7

Que nasceu no campo

C (G7)

Sem ser semeado

F (Fa#)

Foi meu amor

C

Que me disse assim

CM Dm

Que a flor do campo

G7 C

Era o alecrim

B BOSQUE – Cantiga – Se essa rua fosse minha BOI – Trem Maluco + O meu boi morreu + Boi barroso

Se Essa Rua Fosse Minha

A E

Se essa rua, se essa rua fosse minha

Am

Eu mandava, eu mandava ladrilhar

Dm

Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes

E A

Para o meu, para o meu amor passar

E

Nessa rua, nessa rua tem um bosque

Am

Que se chama, que se chama solidão

Dm

Dentro dele, dentro dele mora um anjo

E A

Que roubou, que roubou meu coração.

E

Se eu roubei, se eu roubei teu coração

E A

É porque tu roubaste o meu também.

Dm

Se eu roubei, se eu roubei teu coração

Am

É porque, é porque tu queres bem

O trem maluco

O trem maluco / Quando sai de Pernambuco
vô fazendo vucco, vucco, / Até chegar ao Ceará.
Rebota paí, rebota nêta, rebota fêta
eu também sou da família, / também quero rebolar.
E sobre maré, / Pêssa boi, pêsse boiada
Pêssa casa, pêsse estrada, / Com vontade de chegar.
Um peuzinho de coisa boa, / Um peuzinho de guaxará
Dáa batinha na sacola / Aprendendo o bê-a-bê!

Omeu boi nomeu

A
O meu boi nomeu
E A
Que será de mim?
AT D
Manda buscar outro, ô maninha
E A
Lá no Piauí

Boi Branco

A E
Eu mandei tapei um lago do couro da jacaré
E7 A (AT)
Pra tapei o boi branco, num cavalo pangerê
D (D#F) A (F#D)
meu Boi Branco, meu Boi Píanga
Bm (E7) A (AT)
O meu lugar, aí, é lá na canga
D (D#F) A (F#D)
Adeus priminha, eu vou me embora
Bm (E7) A
Não sou daqui, sou lá de fora

C CHAPÉU – Cantigas – Pombinha Branca + O meu chapéu tem três pontas CHÃO – Parlendas – Bruxa + Batatinha quando nasce

Pombinha Branca

C Dm
Pombinha branca o que está fazendo
G7 C
Lavando roupa pro casamento
vou me lavar, vou me secar
vou pra janta pra namorar

Passou um homem de terno branco,
Chapéu de lado, não namorado

Mandei sentar, mandei sentar
Cuspiu no chão...

Limpa aí seu porcafeirão
Tanta coisa educação
Pra ganhar meu coração

O Meu Chapéu Tem Três Pontas

O
O meu chapéu tem três pontas
O
Tem três pontas o meu chapéu
O
Se não tivesse três pontas
O
Não seria o meu chapéu

Popeye foi à feira

Popeye foi à feira
Não sabia o que comprar
Comprou uma cadeira
Pra Olívia se sentar
A Olívia se sentou
A cadeira esbomachou
Coitada da Olívia
Foi parar no corredor
O corredor estava sujo
Suje de poeira
Coitada da Olívia
Foi parar na geladeira
A geladeira estava suja
Suje de mingau
Coitada da Olívia
Foi parar no hospital
O hospital estava sujo
Suje de remédio
Coitada da Olívia
Foi parar no cemitério

Na portão do cemitério,
Têto, têto, têto,
Duas almas se encontraram,
Tranam, tranam, tranam,
Uma disse para a outra,
Quêto, quêto, quêto,
Vêto é uma negabunda,
Bunda, bunda, bunda,
Mas que falta de respeito,
Pêto, pêto, pêto
Mas que pêto cabulada,
Ludo, ludo, ludo

Batatinha quando nasce

Batatinha quando nasce
Se espantava pelo chão,
Maninha quando dorme
Põe a mão no coração.

D **DEPOIS – Cantiga – Pezinho**
DOMINGO – Parlendas – Hoje é Domingo + Cadê o toucinho?
Pezinho – DITADO – Ditados Populares

G O?
 Ai bota aqui ai bota ali o teu pezinho
 G
 O teu pezinho bem juntinho com o meu
 Ai bota aqui ai bota ali o teu pezinho
 O teu pezinho bem juntinho com o meu

G O? A?
 É depois não vá dizer que você já me esqueceu
 É depois não vá dizer que você já me esqueceu

Gal – Da?
 A – E?

Hoje é domingo

Hoje é domingo, pé de cachimbo
 O cachimbo é de ouro, bota no touro.
 O touro é valente, bota na gente.
 A gente é fraco, cai no bueiro.
 O bueiro é fundo, acalaca-se o mundo.

Cadê o toucinho que estava aqui?

Cadê o toucinho que estava aqui? / O gato comeu
 Cadê o gato? / Foi promato
 Cadê o rato? / O fogo queimou
 Cadê o fogo? / A água apagou
 Cadê a água? / O bol borbou
 Cadê o bol? / Amassando trigo
 Cadê o trigo? / A galinha espalhou
 Cadê a galinha? / Botando ovo
 Cadê o ovo? / O padre beliou
 Cadê o padre? / Rezando missa
 Cadê a missa? / Já se acabou

Ditados populares

(Ditados populares, também chamados de provérbios, são frases interessantes que o povo diz para resumir certas ideias. Por exemplo:

Um tem fôdi: eu sento na minha mesinha, ela senta-se na mesinha dela. Se ela vier querer sentar na minha mesinha, eu uso o Ditado:

– Cada mexicano no seu galho. (que é igual a ado-ado-ado cada um no seu quadrado)

Quando a gente reconhece uma pessoa ou uma coisa por um detalhe dela, = tipo um garoto que tem uma mochila com um desenho que só ele tem, quando ele está longe, não dá para ver se é ele, mas pela mochila só pode ser, e alguém pergunta: como você sabe que é ele? Em vez de explicar isso tudo, o ditado diz:

– A árvore se conhece pelos frutos.

Quando a gente ganha um presente, mas fica querendo o presente do outro, diz-se que:

- A galinha do vizinho é sempre mais gorda.

A gente deve insistir para conseguir aquilo que a gente quer, porque diz-se que:

- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

Quando uma pessoa fala muito, grita, exagera, diz que faz isso e aquilo, o Ditado diz:

- Cão que ladra, não morde.

Às vezes a gente quer o papete todo, mas uma bolinha de cada vez está bom. Diz o ditado:

- De grão em grão a galinha enche o papo.

Quando uma pessoa faz alguma coisa ruim com a gente, podemos dizer:

- Deixar estar, jacobé, a lagoa há de secar.

Quando o filho nasce com o mesmo talento do pai, diz o Ditado:

- Filho de peixe, peixinho é.

- Gato escaldado tem medo de água fria

- Gato mordido por cobra tem medo de corda

Quando uma pessoa quer muito uma coisa que não precisa, ou não pode usar, diz-se que:

- Jacaré comprou cadeira e não tem bunda para sentar

Quando a gente promete uma coisa e não quer cumprir, o outro nos diz:

- Pretens de rei não volta atrás.

Uma coisa ruim aconteceu com seu amigo... esqueceu, caiu... e você ri. Mas isso pode acontecer com você também, e ele vai ri de você mais ainda. Por isso que o ditado diz:

- Ri melhor, quem é por último.

Você estava sentado num lugar qualquer, levantou, voltou e tinha alguém sentado ali. Diz o ditado:

Quem vai ao vento perde o assento

Quem vai ao ar perde o lugar

Quem vai à raça perde a carroça

E **ERVA – Lenda – ERVA MATE**
ELEFANTE – Canção + Piadas de Elefante
ECO – Trava-língua – Eco

ERVA-MATE

Havia uma tribo nômade de índios guarany. Um dia, um velho índio, cansado das andanças, resolveu-se a seguir adiante, preferindo ficar na sua tenda. A mais jovem de suas filhas, Jary, apesar do conselho paterno, preferiu ficar com o pai, amparando-o até o fim de seus dias, em vez de seguir adiante com os moços de sua tribo.

Essa atitude de amor rendeu-lhe uma recompensa. Um dia um pajé desconhecido encontrou-se e perguntou a Jary o que é ela queria para ser feliz. A moça nada pediu, mas o velho pediu "renovação forçada para poder seguir adiante e levar Jary ao encontro de todos".

O pajé entregou-lhe uma erva muito verde, perfumada de bondade, e ensinou que, plantando e colhendo as folhas, secando-as ao fogo e as triturando, devia colocá-las num pote e acrescentar

água quente eu fiz. "Bebendo essa mistura, terá nessa bebida uma nova companhia saudável mesmo nas horas tristonhas da mais cruel solidão". O velho indio, pai de Jerry, se recuperou, ganhou forças e viajou até o reencontro de sua filha. Assim nasceu a bebida da Etna mais, que os brancos mais tarde chamaram de chimarrão.

Eco
Opa um eco. Que eco é? É um eco que há lá. Aqui há eco? Sim! É um eco que aqui há.

Elefante

D	A	AT	Q
1 elefante incomoda muita gente / 2 elefantes incomodam incomodam muito mais			
3 elefantes incomodam muita gente / 4 elefantes incomodam (4 vezes) muito mais			
Final			
11 elefantes incomodam muita gente / 12 elefantes incomodam (12 vezes) muito mais			

Sabe o que o caçador disse quando viu uma manada de elefantes no horizonte?
- Ôta uma manada de elefantes no horizonte.

O que a girafa disse para o elefante quando estava descendo a ladeira? - Oi Elefante
O que é que um amendoim diz a um elefante? - Nada. Os amendoins não falam.

Por que o elefante usa óculos verde? - Para VER DE longe
Por que o elefante usa óculos vermelho? - Para VER MELHOR
Por que o elefante usa óculos marrom? - Para ver MAUROS menos

Porque é que um elefante não anda de bicicleta?
- Não tem polegar para focar a campainha.
Porque o elefante não dança Twist?
- Porque ele não consegue equilibrar os dedalhões

Por que é que as galinhas atravessam a estrada? - Para irer para o outro lado.
Por que é que os elefantes atravessam a estrada? - Porque é dia de folga das galinhas.

Por que o elefante foi na piscina de shorts branco e bolinha azul?
- Por que o de bolinhas vermelhas estava lavando
Como o elefante entra na piscina? - Pela escada
Como ele sai da piscina? - Molhado
Como você sabe que tem um elefante na piscina?
- Quando o chinelinho dele na borda da piscina

Como se faz para passar um elefante por debaixo da porta? - Coloca num envelope
Como se faz para o elefante não passar por debaixo da porta? - Dá um naziho na taba
Como é que se faz para passar um elefante no buraco de uma agulha?
- Dá uma lambidinha na ponta do rabino dele.

Como se esconde um elefante numa plantação de morango?
- Pinta as unhas dele de vermelho
Você já viu um elefante escondido numa plantação de morango?
- Viu só como ele se esconde bem?

Você sabe o que foi que o Elefante disse para a formiguinha?
- Não entendi porque você acha que nãoo amor impossível?
Você sabe o que foi que o Elefante disse para a formiguinha quando ela finalmente aceitou casar com ele?
- Justagando as mãos! (Gai)

F
FESTA – Conto – Festa no céu
FAZER – Cantiga – Mulher Randeira
FATO – Trava-lingua – Fato e fita

FESTA NO CÉU

- Tá sabendo?
– Não.
– Não tá contai?
– Não, minha filha...
– De festa no céu...
– Assim... Tô ligada! Mas tá fora... Só pra bicha que vai...
– Mas não é isso...
– Não?
– Sabe quem disse que vai?
– Quem?
– O Jabuti...
– Não...
O jabuti tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e ficou balendo um papo com ele,

contando umas piadas, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

- Bem, camarada urubu, quem é lento para cedo, e eu já vou indo porque o caminho é comprido.
– Você vai mesmo à festa no céu?
– Se vou? Até lá, sem falta!

Em vez de sair, o jabuti deu uma volta, entrou no quarto do urubu e se meteu dentro da visão,

que estava em cima da cama, encoltando-se todo.

Mas tarde, o urubu pegou o violão, amando-o e bateu asas para o céu.

Chegando ao céu o urubu deixou o violão num canto e foi procurar as outras aves.

(Música)

Violão sem imagina o espanto que as aves tiveram vendo o jabuti andando pelo céu!

Perguntaram, perguntaram, mas o jabuti desconversava. Foi uma festança.

Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito que tinha vindo, o jabuti entrou,

como da outra vez, dentro do violão do urubu, e esperou.

Amanhacou, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um pro seu destino. O urubu

agarru o violão e saiu para a terra.

lá pelo meio do caminho quando, numa curva, o jabuti balançou e bateu com o casco dentro do

violão. O urubu espiou para dentro do instrumento e viu a bicha lá no escuro, todo cansado, feito

uma bola.

– Ah! camarada jabuti! Foi assim que você foi à festa no céu? Deixa de ser abusado...

E lá de cima virou o violão e saiu dele. O jabuti desesperou-se lá do alto. E disse, na queda:

Balelé-Balelé-Balelé

Se eu deita escapar

Nunca mais festas no céu!

E, vendo as montanhas lá embaixo:

– Caram do caminho, montanhas, serão eu me ambientei!

Bateu em cima das pedras como uma fruta podre. Ficou em pedacos.

Mas... Papai do Céu ficou com pena do jabuti. Juntou todos os pedacos e o jabuti nasceu de novo.

Por isso o jabuti tem a casco todo cheia de remendos.

Mulher Randeira

O Em

Oli mulher randeira

A7 O

Oli mulher randa

O B7 Em

Tu me ensina a fazer randa

Que eu te ensine a namorar

Fato e fita

A frita de frango frita-se, fritada por um frasco fustado, esfreado de frito, naufragou na refrega, por fermentos frescheiros africanos.

Não sei se é fato ou se é fita, não sei se é fita ou fato. O fato é que voui me fita, me fita mesmo de fato.

G **GAVIÃO** – Conto – Rolinha + Passa passa... + Raposa
GRALHA – Lenda – Gralha Azul
GATO – Trava-língua + conto – Paga o pato + Cão, gato e rato

A ROLINHA, A RAPOSA E O GAVIÃO

Linda rolinha estava no seu ninho, no alto de uma árvore, com seus dois filhinhos. Chegou ao pé da árvore uma raposa e lhe disse:

– Bote um dos seus filhos, para eu comer!

– Não!

– Não boto!

– Não!

– Não boto!

– Bote seu filhinho, senão... eu como os dois! – disse-lhe a raposa.

Enrolou o rabo na árvore para demorá-la.

– Bote, senão eu demuto a árvore e como os dois!

A rolinha, então, – botezinha – pegou e botou para o chão um dos filhinhos, com medo que a raposa demorasse a árvore e comesse os dois.

A raposa comeu o filhinho da rolinha e foi-se embora.

A rolinha ficou chorando! Choru, chorou, chorou o dia inteiro, com pena do seu filhinho.

Aí apareceu o gavião e perguntou:

– Camarada rolinha, por que você está chorando?

– Ah! por que não fui de chorar, camarada gavião!

E lhe contou a história. Então o gavião lhe disse:

– Rolinha tola, você é tola, chorando à toa!

– Por quê?

– Porque a raposa não podia demorar a árvore com o rabo! Quer ver? Quando ela voltar e lhe pedir seu outro filhinho e fazer a mesma coisa, você diga: “- Pode demorar!”

Aí, foi que a rolinha chorou de pena e de arrependido! Choru, chorou, chorou! No outro dia, a raposa voltou e tornou a dizer:

– Bote o outro filho, para eu comer!

– Não boto!

– Bote, senão eu demuto a árvore.

– Pode demorar!

A raposa enrolou o rabo na árvore e disse:

– Bote ou não bota!

– Não boto, seu miserável, que comeu meu filhinho, não bento e querido!

Aí, a raposa entendeu logo:

– Ah! já sei quem te ensinou isto, foi o gavião! Deixe estar que ele me paga!

Passa, Passa Gavilão

E

Passa, passa gavilão

Fim BT E

Todo mundo é bem

Passa, passa gavilão

Todo mundo é bem

E Fim BT E

A levedeira faz assim

A levedeira faz assim

Assim, assado

Carne seca com enopado

A raposa faz assim

A raposa faz assim

Assim, assado

Carne seca com enopado

A RAPOSA E O GAVILÃO

Tinha chegado a manhã toda, e o gavilão todo molhado, sem poder voar, estava tristemente pousado à beira de uma estrada. Veio a raposa e perguntou:

— É hoje que me xingar?

Pegou o gavilão na boca e levou para os blínkos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. O esperto gavilão entendeu e começou a pensar num meio de escapar da raposa. Passou perto de um povoado. Uma menina que brincavam começou a xingar e a dizer desaforos para a astuciosa caçadora. Então o gavilão falou:

— Comadre raposa, isto é um desafio! Eu se fosse você não agüentaria! Passava uma decompostura nessa molecada!...

A raposa abriu a boca para xingar e orelhada e o gavilão aproveita e voa. Froux triunfantemente num galho e ajuda as meninas a xingar a raposa.

"Isa isa isa, a raposa é uma feiosa!"

GRALHA AZUL

A gralha azul alimenta-se de pinhões, sementes do pinheiro. Para isso, descasca-os e come-lhes a polpa gostosa e nutritiva. Depois de saciar sua fome, enterra, em diversos lugares, uma certa quantidade de pinhões, para serem comidos mais tarde.

Nem todos os pinhões enterrados são comidos. Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões. Essas sementes esquecidas germinam e produzem grandes pinheiros.

Por isso, as espingantas dos caçadores falham ou explodem, sem aliar, quando elas se apontam para as gralhas azuis.

Certa vez tentou que Katuanã, meu catetê, meu índio, era o melhor caçador da região. Certa vez ele avistou um bando de gralhas azuis, cavando o chão com o bico. Sacou da espinganta, fez pontaria... Mas, aí, que horror! O que se seguiu a espinganta estacou-se em vários pedaços, em cheio no resto de Katuanã. Ele ficou farto, as pernas ficaram bambas e ele caiu.

Rege-se uma luz, muito brilhante, e, de mansinho, de asas abertas, uma gralha azul se aproxima.

A gralha falou: "És um assassino! Tusa tes não te proibem matar um homem? É aquele que faz mais do que um homem não vale pelo menos tanto quanto ele? Eu, como humilde avezinha, faço crescer toda essa floresta de pinheiros. Multiplico, à medida de minhas forças, a madeira que constrói sua casa, a lenha que aquece o teu corpo. E você nem sabe como eu faço isso!... Vem. Acompanha-me ao local onde eu faço meu trabalho e você me interrompe. Vá? Heita pequeno buraco coloca o pinhão já sem casca, com a extremidade mais fina para cima. Tira-lhe a casca

porque ela apodreou ao contato da terra apodrecendo o fruto todo. É planto de bico para cima a fim de favorecer o broto que vai nascer. Vê se embora. E não seja um assassino. E não atrapalhe o meu trabalho.”

A grelha desapareceu, a luz brilhante foi-se embora, e Kalsará se levantou.

Deixou de ser um caçador e passou a ser um plantador de pinheiros.

Queria valer mais que um homem: queria valer uma grelha azul.

GATO

Paga o gato

Paga o gato, dorme o gato, foge o rato, paga o gato, dorme o rato, foge o gato, paga o rato, dorme o gato, foge o gato.

Não Atire o Pau no Gato

D
Não atire o pau no gato, to...

A
Porque isso, aã...

D
Não se faz, faz, faz...

G
O galinho, aho...

D
É nosso amigo, go...

G A G
Não devemos maltratar os animais

Jamais!

PORQUE CACHORRO É INIMIGO DE GATO E GATO DE RATO

Antigamente todos os bichos eram amigos e o leão governava todos. Cachorro, gato, rato, ovelha, onça, raposa, tudo vivia junto e sem briga.

Um dia Papai do céu mandou o leão libertar os bichos, passando uma carta de liberdade a todos, para que pudessem ir onde quisessem. Ah foi uma alegria! O leão chamou os bichos mais ligeiros e entregou as cartas de liberdade para ir dando aos outros animais.

Chamou o gato e deu a ele a carta do cachorro. O gato saiu numa carreira danada. No caminho encontrou o rato que estava entredido bebendo mel de abelhas.

— Camarada gato! Para onde vai nessa pressa toda?

— Vou entregar essa carta ao camarada cachorro!

— Ah para um pouco para descansar e beber esse melzinho gostoso.

O gato foi lambor o mel e tanto lambou e gostou que acabou de bantiga cheia e dormido. O rato, de curioso, foi fufutar a bolsa que o gato trazia e tirou um papéio e encontrou uns papéis. Meneu a dente, roendo, roendo, roendo, e deixou tudo um bagaço. Viendo que ficou bobagem, fez um bolo com aquilo tudo, tascou dentro da bolsa do gato e foi pro mato.

O gato, acordando, viu que tinha dormido e se atrasado, saiu em disparada pelo caminho até encontrar o cachorro, a quem entregou o papéio. O cachorro foi ler e viu que tudo estava esbagaçoado e ruim. Não podia provar ao homem que era bicho-livre e ficou sangrado com o gato, dando uma carreira atrás dele para matá-lo. O gato, por sua vez, sabendo que aquilo era trabalho de rato, até hoje quer passar-lhe o dente para virgá-lo.

E até hoje, cachorro, gato e rato são inimigos até debaixo d'água.

H **HOMEM** – Cento – O touro é o homem
HOJE – Parlandas – Hoje é Domingo + Cadê o toucinho?
HONORATO – Lenda – Cobra Norato

O TOURO E O HOMEM

Um touro, que vivia nas montanhas, nunca tinha visto o homem. Mas sempre ouvia dizer por todos os animais que era ele o animal mais valente do mundo. Tanto ouviu dizer isto que, um dia, resolveu ir procurar o homem para saber se o que diziam era verdade. Procurou uma estrada e seguiu por ela. Adiante encontrou um velho que caminhava apoiado a um bastão.

Dirigindo-se a ele perguntou-lhe:

– 'Voaá é o bicho homem?

– Não! – respondeu-lhe o velho. – Já fui, mas não sou mais!

O touro seguiu e adiante encontrou uma velha.

– 'Voaá é o bicho homem?

– Não! Sou a mãe do bicho homem!

Adiante encontrou um menino:

– 'Voaá é o bicho homem?

– Não! – Ainda hei de ser, sou o filho do bicho homem.

Adiante encontrou o bicho homem que vivia com uma espingarda no ombro.

– 'Voaá é o bicho homem?

– Está falando com ele!

– Estou cansado de ouvir dizer que o bicho homem é o mais valente do mundo, e vim procurá-lo para saber se é mais valente do que eu!

– Então, lá vai! – disse o homem, amando a espingarda, e disparando-lhe a bumba no tocino.

O touro, cheio de dor, meteu-se no mato e correu até sua casa, onde passou muito tempo se tratando do ferimento.

Depois, estando ele numa reunião de animais, um lhe perguntou:

– Então, camarada touro, encontrou o bicho homem?

– Ah! meu amigo, encontrei. E só com um espirro dele, olha como eu fiquei!

Hoje é domingo

Hoje é domingo, pé de cachimbo.

O cachimbo é de ouro, bate no touro.

O touro é valente, bate na gente.

A gente é fraco, cai no buraco.

O buraco é fundo, encolou-se o mundo.

Cadê o toucinho que estava aqui?

Cadê o toucinho que estava aqui? / O gato comeu

Cadê o gato? / Foi pro mato

Cadê o mato? / O fogo queimou

Cadê o fogo? / A água apagou

Cadê a água? / O rio bebeu

Cadê o rio? / Amassando trigo

Cadê o trigo? / A galinha espalhou

Cadê a galinha? / Botando ovo

Cadê o ovo? / O padre bebeu

Cadê o padre? / Rescando missa

Cadê a missa? / Já se acabou

HONORATO – O COBRA NORATO

Uma lenda, da tribo dos Tapuias, que vivia às margens do rio Amazonas, teve dois filhos gêmeos. Quando os viu, quase morreu de medo. Não tinham forma humana. Eram duas serpentes escuras.

Assim mesmo, a Índia batizou-as com os nomes de Honorato e Maria. E atirou-as no rio, porque elas não podiam viver na terra.

As duas serpentes citaram-se nas águas dos rios e igarapés. O povo chamava-as de Cobra Honorato e Maria Cariniana. Cobra Honorato era forte e bom. Nunca fez mal a ninguém. Não deixava que as pessoas morressem afogadas, salvava os barcos de naufrágios e matava os peixes grandes e feiosos.

De vez em quando, Cobra Honorato ia visitar sua mãe tapuia. Quando caía a noite e as estrelas brilhavam no céu, ele saía d'água arastando seu corpo enorme. Deixava o couro da serpente à beira do rio e ia transformava-se num bonito rapaz. Pela madrugada, ao cantar do galo, regressava ao rio, metia-se dentro da pele da serpente e voltava a ser Cobra Honorato.

Maria Cariniana era garbosa e malvada. Atacava os pescadores, afundava os barcos, afogava as pessoas que caíam no rio. Nunca visitou sua velha mãe.

Por causa dessas maldades, Cobra Honorato foi obrigado a matar Maria Cariniana. E ficou sozinho, saltando nos rios e igarapés. Quando havia festa nos povoados ribeirinhos, Cobra Honorato deixava a pele da serpente e ia dançar com as moças e conversar com os rapazes.

Cobra Honorato sempre pedía aos encantados que o desencantassem. Bastava, para isso, fater com ferro virgem na cabeça da serpente e deixar três gotas de leite de mulher na sua boca. Muitos amigos de Cobra Honorato tentaram fazer isso. Mas, quando viam a serpente, estava e enorme, fugiam apavorados.

Um dia, Cobra Honorato fez amizade com um soldado, sujeito forte e corajoso e lhe pediu que o desencantasse. O soldado não teve medo. Amassou um machado novo e um vidrinho com leite de mulher. Quando encontrou a cobra dormindo, meteu o machado na cabeça da bicha e atirou três gotas de leite entre seus dentes enormes e aguçados.

A serpente estremeceu e caiu morta. Desta saiu Honorato, desencantado para sempre. Queimou a cobra onde vivera tantos anos. As cinzas voaram e Honorato ficou homem. Morreu, anos e anos depois, na cidade de Cametá, no Pará.

IARA – Lenda – IARA

INIMIGA – Ditados populares – Provérbios

ITORORÓ – Cantiga – Itororó

IARA

Os índios e os sertanejos acreditam na existência da Iara ou Mãe-d'Água. Dizem que é uma mulher muito linda, de pele alva, olhos verdes e cabelos cor de ouro, que vive nos lagos, nos rios e nos igarapés. Ninguém resiste ao encanto da Iara. Quem a vê fica logo atraído pela sua beleza e pelo seu canto melancólico. E acaba sendo atraído por ela para o fundo das águas. Por isso, os índios, ao cair da tarde, afastam-se dos lagos e dos rios. Eles têm medo de encontrar a Iara e de ficarem dominados pelo seu encanto.

Costa-se que vivia, há muitos anos, nas margens do rio Amazonas, um filho do pajé dos Manaus, chamado Jaraguari. Era um moço belo como o sol e forte como o jacaré. Os outros índios invejavam sua coragem, sua força e sua destreza. As mulheres admiravam sua formosura, sua graça e sua valentia. E os velhos amavam Jaraguari, porque ele os tratava com respeito e carinho.

Jaraguari era alegre e feliz como um pássaro. Mas, um dia, começou a mostrar-se reservado e pensativo. Todas as tardes subia com sua canoa para a ponta do Taurá, onde permanecia sozinho e solitário até a meia-noite.

Sua mãe, impressionada com a mudança do filho, perguntou-lhe:

– Que pescaria é esta, meu filho, que se prolonga até esta noite? Não tens medo das artes traiçoeiras de Anhangá? Por que vives agora tão triste? Onde está a alegria que animava a tua vida?

Jaraguari ficou silencioso. Depois, respondeu com os olhos muito abertos, como se estivesse vendo uma cena maravilhosa:

– Mãe, eu a vi... Eu a vi, mãe, nadando entre as flores do igarapé. É linda como a lua nas noites mais claras. Ela é vi, mãe!... Seus cabelos têm a cor de ouro e o brilho de sol. Seus olhos são duas pedras verdes. Seu canto é mais belo do que o do arapuntá. Eu a vi, mãe!...

Ao ouvir as palavras do filho, a velha atirou-se ao chão, gritando, entre lágrimas:

- Foge dessa mulher, meu filho! É a laral! Ela vai te matar! Foge, meu filho!

Ô rapaz nada disse e saiu da maloca. No dia seguinte, ao cair da tarde, sua igara deslousa, mansamente, pelo rio, na direção da ponta de Taramã. Mas, de repente, os índios que pescavam à beira do rio, gritaram:

- Corre, gente! Corre, vem ver!

Ao longe, via-se a canoa de Jaraguari. E, abraçada ao jovem guerreiro, surgiu uma linda mulher de corpo alvo e de cabelos compridos, cor de ouro. Era a laral!

E, desde então, nunca mais Jaraguari voltou à sua maloca.

Rorô

A F#7 Dm
Eu fui no rorô beber água, não achei
E7 A
Achei bela morena que no rorô deixei
F#7 Dm
Agradeço minha gente, que uma noite não é nada
E7 A
Se não dormir agora dormirá de madrugada
F#7 Dm E7 A
Ô Mariapinta, ô Mariapinta
F#7 Dm E7 A
Entrará na roda e ficará sozinha
F#7 Dm E7 A
Sozinha eu não fico nem sei de ficar
F#7 Dm E7 A
Pois eu tento o Francisco para ser meu par

J JAPIM – Lenda – O castigo do Japim JACI – Lenda - JACI JABUTI – Conto – Festa no céu

O CASTIGO DO JAPIM - XEXÉU

O japim é um lindo passarinho que não tem canto próprio. Vive a imitar o canto dos outros pássaros. Suas penas são pretas e amarelas e também é chamado xexéu.

Os índios contam que o Japim vivia no céu, cantando para o Deus Tupã. Quando o chefe dos deuses queria dormir, chamava o japim e ele cantava até que o seu senhor dormisse.

Certa vez, os índios ficaram muito tristes, por causa de uma peste terrível que havia atacado as tribos. Resolveram, então, implorar a Tupã que os levasse para o céu, onde não há doenças nem tristezas. Tupã, então, enviou o Japim à terra para os consolar.

Cum seu canto maravilhoso, o japim expulsou a peste e fez desaparecer as tristezas dos índios.

Estes voltaram ao trabalho e ficaram, de novo, tranquilos e felizes. Por isso, pediram a Tupã que lhes desse o Japim de presente. O chefe dos deuses os atendeu e o japim ficou muito orgulhoso, julgando-se o dono da floresta. E passou a imitar o canto dos outros pássaros por vontade.

Os pássaros ficaram chateados e resolveram queixar-se a Tupã. O deus mandou chamar o japim e passou-lhe a fazer bronca. Mas o danado do passarinho não se emendou. E continuou a imitar o canto dos outros pássaros.

Tupã ficou zangado e disse para o japim:

“De hoje em diante, perderás o teu canto e só poderás imitar o canto das outras aves. Além disso, todas as pássaros vão te odiar e te perseguir.”

E foi o que aconteceu. O japim passou a ser atacado pelas outras aves, perdeu seu lindo canto, e só sabe imitar o canto dos outros.

Uma infinita escuridão cobria todo o universo. Então, Deus criou o sol, Guaraní, para iluminar todo o universo com a sua luz.

Certa vez, Guaraní ficou cansado e precisou dormir. E quando fez isso, a escuridão voltou a se impor ao universo.

Então, Deus criou a Lua, Jaci, para iluminar o universo enquanto o sol estivesse dormindo.

Num breve instante, enquanto Guaraní acordava e Jaci ia dormir os dois se viam e se aproximavam. Mas, infelizmente, não podiam ficar juntos.

Então Deus criou Ruatã, o amor, para ser o mensageiro do casal. O amor, não contava a escuridão, nem o impossível. Dia ou noite Ruatã podia dizer à Lua o quanto o Sol a amava e podia dizer ao Sol que o seu amor era correspondido. Atendendo a um pedido de amor do Sol, Deus criou as estrelas para que pudessem fazer companhia à Lua durante a noite.

E assim nasceu o Céu e todas as coisas que lá existem.

K **KERPIMANHA – Lenda – KERPIMANHA**
KERANA – Lenda – KERANA
KALUANÄ – Lenda – GRALHA AZUL

KERPIMANHA

Kerpimanha é a mãe, a origem do sonho. Para os tupi é uma velha que desce do céu, mandada por Tupã, a que entra na consciência da gente, enquanto a alma foi por essas coisas muito antes, e volta quando a gente acorda. Então a alma, de volta, encontra no coração o resumo de Tupã que a velha deixou, esquecendo tudo quanto viu durante a vigília.

Como, porém, nem sempre Tupã manda recados, e a alma, quando volta, relembra muitas vezes o que viu enquanto estava fora, temos duas espécies de sonhos: os que lembramos e os que não lembramos.

Os que lembramos, também tem duas espécies: uns, representam a vontade de Tupã, e que a gente aceita e cumpre, lembrando a vontade deles expressa como avisos divinos; e outros que nada são, nada valem.

A dificuldade está em distinguir uns dos outros, ofício que pertence aos pajés. (pausa) Embora eles também nem sempre acertem.

KERANA - YACÝ

A figura mais importante das lendas guaranis da criação é Tupã, Deus e realizador de toda a criação.

Os primeiros irmãos criados por Tupã foram Rupaivê e Syryvê, nomes que significam "Pai dos povos" e "Mãe dos povos", respectivamente. O par teve três filhos e um grande número de filhas.

O primeiro dos filhos foi Turupê Arandê, considerado o mais sábio dos irmãos e o grande profeta do povo Guaraní. O segundo filho foi Itamarangatu, um líder guerreiro e benevolente do seu povo e pai de Kerana. Seu terceiro filho foi Japevêk, que foi, desde o nascimento, um mentiroso, ladrão e trapaceiro, sempre fazendo tudo ao contrário para confundir as pessoas e tirar vantagem delas.

Kerana, a bela filha de Itamarangatu, foi capturada pelo espírito mau chamado Tau. Juntos, tiveram sete filhos, todos anãtiquesados, e todos – exceto um – nasceram como monstros horribles. Os sete são considerados figuras primárias na mitologia Guaraní, e engasgo vários outros deuses menores ou até os humanos originais são esquecidos na tradição oral, estes sete são sempre lembrados nas lendas. Alguns são acreditados até hoje em áreas rurais. Os sete filhos de Tau e Kerana são, em ordem de nascimento:

- 1 - Teju Jaguar, deus ou espírito das cavernas e das frutas;
- 2 - Itépi Tu'i, deus dos rios e de água e criaturas aquáticas;
- 3 - Moñai, deus dos campos abertos;
- 4 - Yacy Tateré, deus da terra, único dos 7 a não parecer com um monstro;
- 5 - Kurupi, deus da fertilidade;
- 6 - Ao Ao, deus dos montes e montanhas;
- 7 - Lúison, deus da noite e tudo relacionado a ela;

L

LOBISOMEM – Lenda – LOBISOMEM

LEBRE – Conto – A tartaruga e a lebre

LENDAS – Lenda – LENDA DO BOITATÁ

LOBISOMEM

Diz a lenda que quando uma mulher tem 7 filhas e o oitavo filho é homem, esse menino será um LobisOMEM.

Sempre pálido, magro e anéis escarlates, o menino nasce normal. Porém, logo que ele completa 13 anos, a mutação começa.

Na primeira noite de sexta-feira, depois do aniversário, ele sai à noite e vai até uma encruzilhada. Ali, na silêncio da noite, se transforma em LobisOMEM pela primeira vez, e vive para a lua.

Cali em diante, toda sexta-feira de lua cheia, ele corre pelas ruas ou estradas desertas com os cachorros correndo e latindo atrás. Nessas noites, ele visita 7 partes da região, 7 pátes de igreja, 7 vilas e 7 encruzilhadas. Por onde passa, ataca os cachorros e apaga as luzes das ruas e das casas, enquanto usa de forma horripante.

Antes do Sol nascer, quando o galo canta, o LobisOMEM volta ao mesmo lugar de onde partiu e se transforma outra vez em menino ou em homem. Quem estiver no caminho do LobisOMEM, nessas noites, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Para quebrar o encanto, é preciso chegar bem perto, sem que ele perceba, e bater forte em sua cabeça. Mas se uma gota de sangue do LobisOMEM atingir a pessoa, ela também virá LobisOMEM.

A TARTARUGA E A LEBRE

A lebre vivia zombando da tartaruga. Achava-a preguiçosa e lenta, incapaz de qualquer agilidade. A tartaruga foi ficando zangada com aquela zoeção, e um dia se encheu:

– Quer apostar uma corrida comigo?

– Comi qual? – assentiu-se a lebre.

– Justamente! Vamos correr amanhã, você na estrada e eu pelo mato, até a beira do rio...

A lebre ria muito e aceitou o desafio. A tartaruga reuniu todos os seus parentes e distribuiu-os na margem de caminho, e combinou com eles para responder aos gritos da lebre.

Na manhã seguinte as duas enfileiraram-se e a lebre disparou como um raio, perdendo de vista a tartaruga. Correu, correu, correu, parou e perguntou:

– Comestre Tartaruga?

Outra tartaruga respondia dentro do mato:

– Oi?

A lebre reconheceu a voz. Quando achou que sua adversária estivesse bem longe, gritou:

– Comestre Tartaruga?

– Oi? – respondia outra tartaruga.

E foi assim: a lebre corria, perguntava, e sempre ouvia a resposta das tartarugas escondidas. Chegou à margem do rio exausta... e lá estava a tartaruga, saziagata e serena, esperando-a. A lebre teve que aceitar a derrota e nunca mais zombou da tartaruga.

LENDAS DO BOITATÁ

Em algumas regiões do Brasil, quando saem à noite, de casa, têm receio de encontrar o Boitatá ou cubas de fogo. O Boitatá é o protetor dos campos e rios e rios naturais. Aqueles que incendeiam as grandes vendas são castigados pelo Boitatá.

Casalmente, o Botatã aparece sob a forma de uma enorme serpente com os olhos brilhantes, como dos grandes falcões escuros.

Contam que o Botatã era uma cobra imensa que dormia sossegada na sua cova. Como o lugar em que vivia fosse muito escuro, ela era obrigada a abrir muito os olhos para enxergar nas trevas. Por isso, suas pupilas cresceram e ficaram enormes.

Um dia, começou a chover sem parar. Parecia um novo dilúvio. As águas foram subindo e cobrindo as planícies. Os animais correram todos para a montanha, onde se reuniram.

O Botatã foi obrigado a sair de sua cova. Subiu também para a montanha. E começou a devorar todos os animais que encontrava. Dizem que a cobra foi castigada pela sua maldade. E obrigada a vigiar eternamente os campos, assombrando os viajantes desconfiados.

Quem enfrenta o botatã pode ficar louco, cego ou morrer de medo. Para a gente se livrar do monstro, quando ele surge à nossa frente, basta ficar quieto, de olhos fechados e com a respiração presa. Ele acaba indo embora. Atirar em cima do botatã um objeto de ferro também dá resultado. Mas se o viajante ficar medo e fugir está perdido. O Botatã persegue-o, enfraquece-o e queima-o com o fogo de seus olhos.

MATO – Cantiga – A linda rosa juvenil **MULA – Lenda – MULA SEM CABEÇA** **MEDO – Conto – Sapo com medo d'água**

A linda rosa juvenil

C O m C
A linda rosa juvenil, juvenil, juvenil
O m

A linda rosa juvenil, juvenil

Vivia alegre em seu lar, em seu lar, em seu lar

Vivia alegre em seu lar, em seu lar

E um dia veio uma bruxa má, muito má, muito má

E um dia veio uma bruxa má, muito má

E adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim

E adormeceu a rosa assim, bem assim

E o tempo passou a correr, a correr, a correr

E o tempo passou a correr, a correr

E o malto cresceu ao redor, ao redor, ao redor

E o malto cresceu ao redor, ao redor

E um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei

E um dia veio um belo rei, belo rei

E despertou a rosa assim, bem assim, bem assim

E despertou a rosa assim, bem assim

E cantam palmas para o rei, para o rei, para o rei

E cantam palmas para o rei, para o rei

MULA SEM CABEÇA

Dizem que, há muito tempo, existia um rei cujo esposa tinha o estranho hábito de passear, à noite, pelo cemitério. O rei ficou desconfiado com esse passeio misterioso e resolveu, certa noite, seguir a esposa. Chegando ao cemitério, viu a rainha esboçando com as mãos um buraco no chão. O rei não se conteve e soltou um grito de espanto. Vendo-se descoberta, a rainha deu um grito ainda maior e transformou-se, no mesmo instante, em mula-sem-cabeça.

É assim que alguns contadores explicam a origem da primeira mula sem cabeça, monstro horrível que persegue os viajantes desconfiados. Daí por diante, muitas mulheres de má conduta passaram também a se transformar em mulas sem cabeça, nas noites de quinta para sexta-feira. E correm, velozes e furiosas, pelas estradas, até o romper da madrugada.

Os casos atípicos da Multi-sem-cabeça dão cores como naufragadas. Os homens e os animais que encontra pela frente são mortos e de longa, pode-se ouvir o estorbo do seu grito fantástico. Escapa pelo espaço os seus relâmpagos furiosos. Mas ninguém conseguiu ainda ver a sua cabeça. Deve ser invisível aos olhos do homem.

Pela madrugada, ao cantar do galo, a Mula-sem-cabeça recorre-se, cansada. Volta então à forma humana. Na sexta-feira seguinte, recomeça a sua jornada maldita. Se nesse ocasião, porém, um homem consegue fê-la, queirase o seu encantamento: filar, para ela, e preciso muita coragem e paciência.

Uma serpenteja destemida esbarrando, desta vez, com uma Muta-sem-cabeça. Não recuou. Enfrentou o monstro e empentou-se numa luta furiosa. Conseguiu, afinal, feri-la com um ferro. Quebrou-se o encantamento e reapareceu a figura humana. Era uma linda moça. Pertencia a uma das famílias mais ricas do lugar. Ela ofereceu ao rapaz muito dinheiro para que o caso não fosse contado a ninguém. O serpentejo, que não era láio, recusou o dinheiro e prometeu ficar casado. Mas mudou-se para muito longe.

100

1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 26

06

[illegible]

As can be seen from the numbers, the average number of children per family is 1.9, which is slightly below the replacement level of 2.1.

Phragmites australis (L.) Trin. ex Steud. is a native, perennial grass that grows in wetlands and along waterways.

Suburban, urban, and rural

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

Uma vez o homem agitou o sago e levou-o para os filhos brincarem. Os meninos jogaram dele muito tempo e quando brincaram, resmungaram muito o sago. Como ficavam de fome?

— **Whom you choose to answer your questions**

— David E. Rosenberg, *Public Health and the Environment* — Editor of *Health Affairs*

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 26

... **Upprättad budget inom sju månader påskrivna!**

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

— **Upplysning, Brevet eller Namn?**

— **Can you also see the need for a new approach?**

© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 103–110

Algo muito forte, desde o começo, a gente, com um dia cheio.

doi:10.1371/journal.pone.0142002.g002

— *Uterus: para a largura — dividido em 3 partes:*

Pyren, pagaram o aspo por uma penta e, ichibum, lançaram-lhe no meio. O aspo mergulhou, veio um rimo d'agua, saltou, saltou, saltou.

— (1) the same business of the same kind as the business of the donor, and

Now, both the 100 percent recovery, however, because it was not possible to

Figure 10 shows results of step 10.

1

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 101–106

Figure 1

Figure 1

É não lava o pé

Q

Porque não quer

Mas, que chaldi

N **NEGRINHO – Lenda – NEGRINHO DO PASTOREIO**
NAIÁ – Lenda – VITÓRIA-RÉGIA
NOITE – Cantiga – Borboleta

NEGRINHO DO PASTOREIO

Em uma vez, há muito tempo atrás, um senhor de terras, muito rico e muito mau. Muito. Não dava pouso a ninguém, não emprestava coisa a ninguém em dificuldades.

Só para dois seres viventes ele olhava nos olhos: para o filho, menino mau como o pai e para um escravo, pequeno ainda, muito bonzinho e pretilho como cavalo e a quem todos chamavam somente “Negrinho”. Como não tinha sido batizado e não tinha nome, o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Nossa Senhora que é a madrinha de quem não tem madrinha.

Um dia, só por maldade, o patrão mandou o Negrinho passar o dia no campo pastoreando seus 30 cavalos. À tardinha, cansado e com fome, o Negrinho adormeceu. Quando acordou, os cavalos haviam desaparecido. E o Negrinho chorou. O menino mau foi lá e veio dizer ao pai que o Negrinho tinha perdido os cavalos. O patrão mandou amarrar o Negrinho num tronco, pelos pulsos, e dar-lhe uma surra de vara. E quando era já noite fechada ordenou que ele fosse procurar o que tinha perdido.

O Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, pegou uma vela acesa em frente à imagem e saiu para o campo. Por onde o Negrinho ia passando, a vela brava ia pingando cera no chão; e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escavaram a terra e os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho seria...

Deitou-se encostado em uma árvore e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas. O Negrinho dormiu e sonhou com sua madrinha Nossa Senhora.

Ao clarear o dia veio o menino mau, amarrado os cavalos, e foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá... E assim o Negrinho perdeu novamente o pastoreio. E chorou...

O patrão mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos e dar-lhe uma surra maior que a anterior. E mandou jogar o Negrinho, desatado, num formigueiro gigante que havia lá perto. O maldade...

3 dias se passaram. Então, o patrão foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do Negrinho.

Qual não foi o seu grande espanto, quando, chegando perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, saculinha de si as formigas que o haviam andado... O Negrinho, de pé, e aí perto, a tropilha dos trinta cavalos... e, bem ao seu lado, o patrão via a madrinha dos que não tem madrinha, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, postada na terra... Vendo essa imagem, o patrão caiu de joelhos diante do seu escravo.

E a Negrinho, sacado e risonho, pulando em pé e sem rédeas em um dos cavalos, tocou a tropilha a galope. E assim, pela última vez, o Negrinho achou o pastoreio. E não chorou, e nem se foi.

Tinha corrido na vizinhança a notícia da triste morte do Negrinho no formigueiro. Porém logo, de todos os ramos da serra, começaram a vir notícias de um relague novo... Todos davam a notícia de ter visto passar, no pastoreio, uma tropilha de 30 cavalos, forçada por um Negrinho!

Dai por diante, o Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de pé e sendo achados pelos donos, quando estes acendem uma vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem, Senhora Nossa, madrinha dos que a não tem.

Quem perder alguma coisa no campo, acende uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo:

... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi...

De ele não achar... ninguém mais.

VITÓRIA-RÉGIA

Em uma noite de lua: As estrelas brilhavam no céu como diamantes. E a lua iluminava a terra com seus raios prateados. Um velho cacique, fumando seu cachimbo, contava as mudanças as histórias maravilhosas de sua tribo. Um dos indianinhos que o ouviam, perguntou ao velho de onde vinham as estrelas que faziam no céu. E o cacique respondeu:

– Eu conto todas. Cada estrela é uma índia que se casou com a lua. Não sabem? A lua é um guerreiro belo e forte. Nas noites de luar, ele desce à terra para se casar com uma índia. Aquela estrela que estão vendo é Macaia, a índia mais formosa da tribo dos Maiaia. A outra é Janá, a flor mais preciosa da tribo dos Anasque. Vou contar a vocês uma história que aconteceu, há muitos anos, em nossa tribo.

Havia, entre nós, uma índia jovem e bonita, chamada Naia. Sabendo que a lua era um guerreiro belo e poderoso, Naia se apaixonou por ele. Por isso, recusou as propostas de casamento que lhe fizeram os jovens mais fortes e mais bravos de nossa tribo.

Todas as noites, Naia ia para a floresta e ficava admirando a lua com seus raios prateados. Às vezes, ela saía correndo através da mata, para ver se conseguia alcançar a lua com seus braços. Mas esta continuava sempre afastada e indiferente, apesar dos esforços da índia para pegá-la.

Uma noite, Naia chegou à beira de um lago. Viu nele, refletida, a imagem da lua. Ficou numa alegria! Pensou que era o guerreiro branco que amava. E, para não perdê-lo, lançou-se nas águas profundas do lago. *Coláta! Moreu afogada!*

Então a lua, que não quisera fazer de Naia uma estrela do céu, resolveu torná-la uma estrela das águas. Transformou o corpo da índia numa flor imensa e bela. Todas as noites, essa flor abre suas pétalas enormes, para que a lua ilumine sua corola rosada.

Fica for... é a história-regia!

Borboleta

0 Am DT 0
Borboleta pequenina sai fora do nasal
Am DT 0
Vanta ver quanta alegria que hoje é noite de natal
DT Am DT 0
Eu sou uma borboleta pequenina e felizosa
Em 0 DT Em DT
Audo no nasal das flores procurando quem me queira

0 ONÇA – Canto – A onça e o bode
010 – Cantiga – Tangolomango
0NZE – Cantiga – Tumbalacatumba

A onça e o bode

Caminhando pelo mato, o bode descobriu um bom lugar para fazer uma casa. Capinou o terreno, assando-o limpinho para dar início à construção. Como já estava cansado, foi embora, pensando começar no dia seguinte.

A onça também procurava um terreno para erguer sua casa. Chegando ao lugar que o bode capinara, achou que estava com muita sorte de encontrar aquele terreno tão limpinho. Contou a ermitão as madeiras para fazer a estrutura. Depois foi embora, pois precisava dormir.

No dia seguinte, ao ver a madeira à sua disposição, o bode ergueu a estrutura. “Que sorte que estou dando”, pensava ao fim do trabalho, quando já se retirava. Mais tarde foi a vez de a onça chegar ao terreno e ver a estrutura pronta. “Que sorte que eu estou dando”, pensou, enquanto cortava a madeira com bano.

Então, a onça foi buscar seus móveis e, ao voltar, deu de cara com o bode, sentado numa poltrona, muito à vontade. Os dois não conseguiam perceber que haviam dividido o trabalho da construção. Decidiram morar juntos. E assim ficaram, mas vivem desconfiados um do outro.

Um dia, a onça voltou da caçada, arrastando um cobrão entre os dentes. O bode, muito assustado com aquilo, saiu de fininho para o mato, certo de que, mais da mesma dia, a onça lá quer fazer aquilo com ele.

Naquela mesma tarde, porém, o bode encontrou uma onça morta por um sapateiro e levou-a para casa, deixando seu corpo estendido na porta de entrada. Vendo a companheira morta, a outra onça quis saber do bode como é que ele a tinha matado.

O bode explicou que era dono de um anel mágico. Dizia-se colocá-lo no dedo e apontar alguém para fulminá-lo. A onça fez que não acreditou e o bode, colocando o anel no indicador, perguntou: – Quer que eu lhe mostre?

A onça disparou muito adentro, apavorada. Nunca mais voltou. O bode, feliz da vida, ficou vivendo sozinho na casa, sem motivo de preocupação. E, aproveitando-se da fama de matador de onça,

Tangomango

E

Erão nove irmãos numa casa, uma foi fazer biscoito.

Fim. BT

Deu tangomango nela e das nove ficaram oito.

Erão oito irmãos numa casa, uma foi cozer chidete.

Deu tangomango nela e das oito ficaram sete.

Erão sete irmãos numa casa, uma foi fazer inglês.

Deu tangomango nela e das sete ficaram seis.

Erão seis irmãos numa casa, uma foi botar um brinco.

Deu tangomango nela e das seis ficaram cinco.

Erão cinco irmãos numa casa, uma foi fazer teatro.

Deu tangomango nela e das cinco ficaram quatro.

Erão quatro irmãos numa casa, uma foi jogar xadrez.

Deu tangomango nela e das quatro ficaram três.

Erão três irmãos numa casa, uma foi vender as ruas.

Deu tangomango nela e das três ficaram duas.

Erão duas irmãs numa casa, uma foi fazer coisa alguma.

Deu tangomango nela e das duas ficou só uma.

Erão uma irmã numa casa, e ela foi fazer feijão.

Deu tangomango nela e acabou a geração.

Tumbalacatumba

Quando religio bate a unha, todas as caveiras saem da tumba;

Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o religio bate as duas, todas as caveiras põem as unhas;

Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o religio bate as três, todas as caveiras imitam chibis;

Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as quatro, todas as caveiras têm relento;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as cinco, todas as caveiras apertam os dentes;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando relógio bate as seis, todas as caveiras jogam xadrez;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as sete, todas as caveiras mascam chiclete;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as oito, todas as caveiras comem biscoito;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as nove, todas as caveiras tocam rock;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as dez, todas as caveiras comem pastel;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as onze, todas as caveiras se escondem;
Tumbalacatumba tumba tá / Tumbalacatumba tumba tá

Quando o relógio bate as doze, todas as caveiras voltam pra tumba;
Tumbalacatumba tumba tá , tumbalacatumba tumba tá...

P **PERERÉ - Lenda - SÁCI PERERÉ**
PEIXE - Cantigas - Fui à Espanha + Marcha Soldado
PROVÉRBO - Provérbios - Provérbios

SÁCI PERERÉ

A Lenda do Sáci Pereré apareceu no fim do século XVIII. Era o tempo da escravidão, e as amas-segas e os cabanos-velhos assustavam as crianças com os relatos das travessuras dele. Seu nome é de origem Tupi Guarani. Em muitas regiões do Brasil, o Sáci é considerado um ser maligno enquanto que em outros lugares ele é visto como um ser malicioso.

É uma criatura, um negatino de uma pedra só que toma um cachimbo e usa na cabeça uma carapuça vermelha, que lhe dá poderes mágicos, como o de desaparecer e aparecer onde quiser. Ele também se transforma numa asa chamada Itataperê, cujo canto melancólico, ecoa em todas as direções, não permitindo sua localização.

A superstição popular faz dessa ave uma espécie de demônio, que pratica malefícios pelas estradas, enganando os viajantes com os tristes dispêndios de seu canto, e fazendo-os perder o rumo.

Alguém perseguido pelo Sáci Pereré, deve jogar em seu caminho cordas ou barbantes com nós. Ele então irá parar para desatá-los, e só depois continua a perseguição, o que dá tempo para que a pessoa fuja.

De acordo com a lenda não é apenas um, mas vários são os Sácis que habitam as matas, escondendo-se durante o dia e à noite reúnem-se em bando, para melhor planejarem as artes que terão durante a noite.

O Sáci Pereré adora fazer pequenas travessuras, como esconder brinquedos, soltar animais dos currais, dentar sal nas cunhas, fazer tranças nas crinas dos cavalos, etc. Dizem que ele não atravessa rios nem mesmo pequenas ilhas. Dizem que dentro de todo redoncheiro de vento

existe um Saci. Dizem, ainda, que, se alguém jogar dentro do redemoinho um rolo de moeda frita ou uma peneta, pode capturá-lo, e caso consiga sua carapaça, pode realizar um desejo.

Fui à Espanha / Caranguejo / Marcha Soldado

C

Fui à Espanha

Ôra

Berlar o meu chapéu.

G?

Azul e branco

C

Da cor daquele céu.

Ôra, palma, palma, palma!

Ôra, pé, pé, pé!

Ôra, roda, roda, roda!

Caranguejo peixe é!

Caranguejo não é peixe.

Caranguejo peixe é

Caranguejo só é peixe

Na enchente da maré.

Marcha soldado

Cabeça de papel

Se não marchar direito

Vai preso pro quartel

O quartel pegou fogo,

A polícia deu sinal

Acorde, acorde, acorde

A bandeira nacional.

Samba, crioula,

Que vem da Bahia.

Pega a criança

E joga na lama.

A bacia é de ouro.

Apaga com sabão;

Depois de arrastado.

Enxugado com o ruçado.

O ruçado é de seda.

Camisinha de filó.

Touquinha de veludo

Para quem ficar vivo.

A bengala, vovô!

A bengala, vovô!

Q **queda – Cantiga – Teresinha de Jesus**

quer – Cantiga – A canoa virou

que – Adivinha – O que é o que é?

Terezinha de Jesus

Am Terezinha, de Jesus, quem te criou e te criou? Terezinha
Terezinha, de Jesus, quem te criou e te criou? Terezinha
A7 Dm De uma queda, foi a chão
ET Am
Audiaram, três cavalheiros
ET Am
Todos de chapéu na mão

O primeiro, foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro, foi aquele
Que a Teresa, deu a mão

Terezinha, levantou-se
Levantou-se, lá do chão
E sorindo, disse ao sol
Eu te dou meu coração

A Canto Virei

A E A
A canoa virou
A7 D
Pois deixaram ela virar
Dm E
Foi por causa de Maria
ET A
Que não soube remar

Ah se eu fosse um peixinho
E subisse nadar
Eu tirava Maria
De fundo do mar

A
Saiu pra cá, Saiu pra lá
A E A
Maria é feia e quer casar

O que é o que é?

O que é o que é: Uma casinha branca sem porta e janela e dona clara mas nela? - Ova
O que é o que é, que tem dentes mas não come, tem barbas mas não é homem? - Alho
O que é o que é, que tem muitos dentes e nunca come? - Pente

... que está no começo da meio, no meio do começo e no fim do fim? - A letra M
... que está no começo da rua, no meio da terra e no no fim do mar? - A letra R.
... que está no começo do início, no meio do fim e no fim do aqui? - A letra I.

O que é o que é, que salta, dá um espirito e vira pelo avesso?
- Pipoca

O que é o que é, que tem espinha mas não é peixe, tem coroa mas não é rei?
- Abacaxi

O que é o que é, um mundo verde onde a terra é vermelha e os habitantes são pretos?

- Melancia

O que é o que é, que fica molhado na hora que seca? - Toalha

O que é que é, que se usa para comer mas não se come? - Prato

O que é o que é, que nasce grande e morre pequeno? - Lúpis

O que é o que é: Tem orelhas de gato e não é gato, tem focinho de gato e não é gato, tem rabo de gato e não é gato? - Gato

Qual o bicho que anda com patas? - O pato

Qual é o cavalo que mais gosta de tomar banho? - O cavalo-marinho

Qual é a aula preferida da vaca? - Matemática

Onde todos podem sentar, menos você? - No seu colo

O que é o que é, que é seu mas é mais usado pelos outros? - Seu nome

O que é o que é, que quanto mais cresce, menos a gente enxerga? - A escurelão

O que é o que é, que quanto mais se faz maior fica? - Buraco

O que é o que é, que entra na água, mas não se molha - Sombra

... Um pontinho preto em cima de um jornal? - Uma formiguinha procurando emprego

... Um pontinho branco no meio da grama? - Uma formiguinha vestida de noiva

... Um pontinho azul no meio da grama? - Uma formiguinha de calça jeans

... Um pontinho vermelho no meio da grama? - Uma formiguinha de aparelho nos dentes

... Um monte de pontinhos coloridos no meio da grama? - Um monte de formigas vestidas para o carnaval

Qual é o cúmulo da paciência? - Ver uma cometa de leonas em câmara lenta

Qual é o cúmulo do exagero? - Dobrar a esquina

Qual é o cúmulo da ingenuidade? - Fechar uma gaveta e jogar a chave dentro

Qual é o cúmulo da velocidade? - Dar uma volta no quarteirão e encontrar com sua costas.

Qual o cúmulo da lealdade? - Aportar comida sozinho e chegar em segundo lugar.

R **RAPOSA – Conto – Rolinha + Passa passa... + Raposa**
RUA – Cantiga – Se essa rua fosse minha
RESPOSTA – Adivinhas – Respostas

RESPOSTA

- Era uma vez...

... três, dois pelacões e um fraco.

- Que é isso?

Chiclete...

- Nada.

Quem nada é peixe.

- É? E depois...

Vacas não são bois, chifres são só bois, muita cascata tem o arroz.

- Espere...

Quem espera desespere

- Sabe que horas são?

Figurei de novo para meu nariz.

- É mais dia,

Passa no fogo.

Barra vai lá.

Ilacaco torado.

Que vem da Bahia.

E eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Foi ao mercado comprar jerimum
 Veio a formiguinha
 E saltou no meu tumbum
 E eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir

T **TOURO – Conto – O touro e o homem**
TARTARUGA – Conto – A tartaruga e a lebre
TUTU – Cantiga – Boi da cara preta + Tutu marambá

Boi da Cara Preta

E A/B E
 Boi, boi, boi
 C#B + T F#m (F#m/T)
 Boi da cara preta
 B⁷ F#m
 pega esse menino
 (F#m/B) A/B E
 que tem medo de carota

Tutu Marambá

Em G Am B⁷
 Tutu Marambá não ventou mais cá
 Am Em B⁷ Em
 Que o pai do menino te manda matar

U **UIRAPURU – Lenda – UIRAPURU**
UMA – Cantiga – Tumbalacatumba
UMA – Adivinhas – Respostas

UIRAPURU

O urupuru é o cantor das florestas amazônicas. É um pássaro que tem um canto tão lindo, tão melodioso que os outros pássaros ficam quietos e silenciosos, só para ouvi-lo.

Daem, que no Sul do Brasil, havia uma tribo de índios, cujo cacique era amado por duas moças muito bonitas. Não sabendo qual escolher, o jovem cacique prometeu casar-se com aquela que tivesse melhor postura. Aceita a prova, as duas índias atiraram as flechas, mas só uma acertou o alvo. Essa casou-se com o chefe da tribo.

A outra, chamada Orícti, chorou tanto, mais chorou tanto, que suas lágrimas formaram uma fonte e um rio. Ela pediu a Tupã que a transformasse num passarinho para poder visitar o cacique, sem ser reconhecida. Tupã fez-lhe a vontade. Mas então, vendo que o cacique amava a sua esposa, Orícti resolveu abandonar aquele lugar. E voou para o Norte do Brasil, indo parar nas matas da Amazônia.

Para consolá-la, Tupã deu-lhe um canto melodioso. Por isso, ela vive a cantar para esquecer suas mágoas. E os outros pássaros, quando encontram o urupuru, ficam calados, para ouvir suas notas melancólicas.

Dê o grande poeta Humberto de Campos:

O que mais no fenômeno me espanta
É ainda existir um pensador no mundo
Que fique a escutar quando outro canta!

V **VITÓRIA-RÉGIA** = Lenda = **VITÓRIA-RÉGIA**
VOCÊ = Trava-língua = Não sei se é fato ou se é fita
VINTE = Adivinhas = Respostas

W **WARA'NÁ** = Lenda = **O GUARANÁ**
WA'Á = Lenda = **RITUAL XAVANTE** = **WA'Á**

WA'Á = XAVANTES

Wa'á é um ritual coletivo dos homens Xavantes, que ocorre de quinze em quinze anos. Após a cerimônia, os adultos tomam-se curandeiros, cantadores ou intérpretes de sonhos, conforme a determinação dos espíritos.

O Wa'á consiste em uma série de ritos onde os homens Xavantes aprendem a se comunicar com os espíritos, através de cantos e danças.

A preparação para o ritual é bastante penosa. Durante um mês, por todos os dias, os meninos e jovens com idades entre 8 e 20 anos - aqueles que participam do Wa'á pela primeira vez - permanecem todo o tempo no pólo central da aldeia, sob o sol. Neste período eles também dormem ao relento e não podem tomar banho. Além disso, esses jovens que se iniciam no ritual do Wa'á só podem comer e beber água após o pôr do sol.

Não é fácil ficar um dia inteiro exposto ao calor escaldante do Mato Grosso sem beber água. Se as mulheres Xavantes tentam levar água para os jovens, os homens mais velhos, que ficam vigiando, deturham o líquido no chão, bem na frente dos jovens Xavantes.

Neste período, os homens mais velhos realizam uma dança chamada *Catsiparatu*. Dois índios apresentam uma coreografia enérgica, levantando e baixando os pés como se estivessem pisando nos pés de um inimigo. Eles dançam bem próximos a cada um dos jovens, que permanecem imóveis e de cabeça baixa. A dança do *Catsiparatu* é repetida várias vezes ao dia, durante toda a preparação do Wa'á.

Ao fim de um mês, os jovens Xavantes tomam banho e recebem uma pintura especial no corpo, estão prontos para encontrar os espíritos. São levados por seus padrinhos a um local afastado da aldeia. Lá os jovens encontram os *Dafinets*, que são os espíritos bons. Cada jovem receberá fechoas, que são as "armas dos espíritos bons". Quando voltarem à aldeia, os seus velhos receberão todas as fechoas em um único feixe e mostrarão em todas as casas. É um momento de grande alegria para toda a tribo.

O GUARANÁ = WARANÁ

Numa aldeia de índios Mawé, viveu um casal alegre e feliz. Como não tivessem filhos imploraram ao Deus Tupá que lhes concedesse essa felicidade. O Deus atendeu ao seu pedido. Deu-lhes um filho belo, forte e sadio. O menino era, além disso, inteligente e bondoso. Em pouco tempo, conquistou a amizade e a admiração de todos os índios da tribo.

O menino tinha qualidades tão boas, que despertou a inveja e o ódio de Jurupatí, o espírito do mal. E este resolveu matá-lo. Para isso, transformou-se numa serpente e esperou a ocasião propícia. Um dia, o menino afastou-se de sua tenda, atraído pelos frutos apetitosos de uma árvore. Quando foi colhê-los, a serpente mordeu-o e ele caiu morto.

Assim que notaram a ausência do menino, todos os índios saíram à sua procura até que o encontraram, ao pé daquela árvore. E, quando estavam ali, todos chorando, um trovão abombou no céu e um rio furiosamente caiu junto do menino.

Estão, a mãe da criança disse para seus companheiros:

– É um anão de Tupã. Ele tem pena de nós. Disse para plantarmos os olhos do meu filho. Deles
nascerá uma planta, cujo fruto será a nossa felicidade.
Assim tocaram os índios. E dos olhos do menino nasceu o guaraná!
É nada é mais parecido. Os bagos negros do guaraná, cercados de uma película branca, parecem
realmente olhos humanos.

X **XEXÊU – Lenda – O CASTIGO DO XEXÊU**
XAVANTES – Lenda – RITUAL XAVANTE – WAJ'Á

Y **YACY YATERÊ – Lenda – KERANA**

CAIPORA OU CURUPIRA

TEXTO FINAL A SER DITO PELO VENCEDOR DO JOGO

Lenda ou mito? Kerpiranhã, Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Negrinho do Pastoreio, Saci-Pererê,
Tatu Macambá, Urupema...

“É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios que os brasis chamam de
Curupira...”

É Curupira ou Caipora?

A **CAIPORA** não é certa.

Quem conta um conto, aumenta um ponto.

E o Brasil é muito grande, ora...

Então... tem lugar que é Curupira

E tem lugar que é Caipora.

O certo é que ele é um personagem da mitologia tupi-guarani, que era a língua que se falava no
Brasil antes da chegada do Pedro Álvares Cabral em 1500. Em tupi-guarani Curupira vem de
“cura” diminutivo de carimã, que é o índio orinça, e “pira”, que **guru** dizer corpo. Cura-pira,
Corpo-de-menino.

E ainda só na mesma língua tupi-guarani “caí” quer dizer malto, e “pora” quer dizer habitante. Caí-
pora, Caipora, Habitante-do-malto.

Habitante do malto com corpo de índio orinça.

Agora... no Sul chamam de Caipora, e dizem que é como um pequeno índio, escuro, que tem o
corpo coberto por pelos e usando tanga.

Em outros lugares chamam de Curupira, e dizem que ele é como um índio andô, de cabelos
vermelhos, e os pés, com o calcanhar voltado para a frente e os dedos virados para trás.

Em algumas versões das histórias, o Curupira/Caipora possui pelos vermelhos e dentes verdes.
Em outras, tem dentes amarelos ou é totalmente careca.

Ajaneira, às vezes, cavalgando um porco-do-mato enorme e agitando **guru** vara de madeira ou
uma tanga de ferro.

Em todas as versões, porém, ele é o protetor dos animais e da floresta.

Ao aproximar uma tempestade, o Caipora/Curupira corre toda a floresta e bate nos troncos das
árvores. Assim, ele vê se elas estão fortes para aguentar a ventania. Se perceber que alguma
árvore corre o risco de **guru**, ele avisa a fazendeiro para não chegar perto.

Em todas as histórias, também, dizem **guru** ele é doído por cachapa e por fumo.

Assim, até hoje, nos o costume que, antes do início de uma caçada no mato, deve-se deixar fano e calhaga no tronco de uma árvore e dizer: "Tôra, Caipora, deixa eu ir embora".

UMA HISTÓRIA

Em uma vez um homem chamado Honório, que tinha paixão por caçar. Até chamava suas armas pelo nome: a espingarda (Yacy) (Yerana), a pistola (Mani) (Pistola) e o facão (Titi) (Faca). O maior prazer de sua vida era passear dias inteiros na mata, no bosque, preparando armadilhas, amando laços e arapucas. Qualquer bicho lhe servia de caça: jacaré, capim, javali, onça, cobra, jacaré. Sonhava um dia ir à África caçar elefantes. Uma vez, estava ele de tocaia no alto de uma árvore, lá pros lados do rio Jacaré, ouvindo a voz de sua cunha de Mani, quando viu que se aproximavam uns oito ou nove porcos-do-mato. Pegou a Yacy (Yerana) - isso, a espingarda! - e fez a festa. Derubou todos. Começou a descer, esbolegando pelo tronco, agachando-se nos galhos, muito feliz com a caçada que acabara de fazer, quando ouviu de longe um ruído. Era oca da noite. Escondeu-se atrás de um arbusto de alcatraz e espreiteou. O fato é que não era porco, não era onça, não era jacaré, não era javali, não era capim. Aquelas assobias só podiam ser do Caipora. E o Caipora devia ser dono daqueles porcos que matara.

Honório seria capaz de dar um boi - uma boiada! - para não encontrar o Caipora. Não era medo. Era como diz o (Titiado) (Yerandi): "segura morreu de velho". Honório nem se dava para ver. Voltou a subir na árvore o mais rápido que pôde, e encolheu-se todo lá bem no alto. E ficou quietinho. Daí a pouco apareceu o Caipora. Era um molequinho, do qual só se via uma banda, preto como o capeta, pelado como um macaco, montado num porco magro, muito ossudo, empunhando um fêtiço, gritando que nem um danado, numa voz muito fantasma:

- Eoi! Eoi! Eoi! Eoi!

Quando viu os porcos mortos, estirados no chão, começou a farrá-las com força, dizendo:

- Levantem-se, levantem-se, preguiçosos! Estão dormindo?

Eles levantaram-se depressa e lá se foram entressa, roncando. O último que ficou estendido, o maior de todos, custou mais a se levantar. O Caipora enfureceu-se. Fereceu-o com tanta sentença, que quebrou a porta do fêtiço. Foi então que o porco se levantou ligeiro e saiu desesperado pelo mato a fora, atrás dos outros. Guinchou o Caipora:

Aí! Você está fazendo muita lambança? Deixe estar que vou lá me paga. Por sua causa tenho que ir amanhã à casa do farsão pra consertar o meu fêtiço. E lá se foi embora, com sua voz fantasma esganada:

- Eoi! Eoi! Eoi! Eoi!

Honório continuou quietinho lá em cima. Passou de muito tempo, já tarde da noite, quando não se ouvia mais os assobios nem gritos do Caipora, é que desceu rápido da árvore e voltou correndo para casa.

No outro dia, que era domingo, bem cedinho, barba por fazer, foi direto para a tenda do mestre ferreiro Kabandi, o único que havia por aquelas redondezas, perto do mercado. Conversei vai, conversei vem, quando, lá para um pedaço do dia, com o pai lá bem alto, chegou à porta da tenda um caboclo baixinho, enroscado de corpo, com o chapéu de couro de salgado sobre os olhos. Adivinha quem era? Não é o sumão da consciência? O caboclo foi chegando, e dirigindo-se ao ferreiro:

- Bom dia, meu amo. Você me consente aqui este fêtiço? Estou com muita pressa...

- In caboclo, depressa é que não pode ser, pois não tem quem toque o fêtiço. Estou aqui até o porco desta hora sem trabalhar por via disto mesmo! Saitou mais que depressa o caçador, que adiantara logo ser o caboclo o Caipora da véspera, o qual se desmontara para vir à casa do ferreiro, como prometera:

- É tu lá, seu mestre - disse Honório, cheio de dedos.

- E você sabe?

- Sapeia dou um jeito. E além do mais, não tem muito o que saber.

O ferreiro acendeu a forja, mandando o caçador tocar o fêtiço. Honório, então, pôs-se a tocá-lo desager, dizendo compassadamente:

- Quem anda so muito

Vê muita coisa...

Depois de algum tempo, o cabido avançou para ele, empurrou-o bruscamente para o lado e disse:

- Sai daqui, que você não sabe tocar. Me dá isso...

Começou a tocar o folo depressa, dizendo:

- Quem anda so muito,

Que vê muita coisa,

Também cala a boca,

Também cala a boca.

O sangue do capador gelou, e ele foi saindo de fininho. Quando chegou à rua, disparou a correr e só parou em casa. Nunca mais atreu em porcos-do-mato, nem em nenhum animal. Nunca mais caçou.